

Como retomar o crescimento?

Ernst & Young
Portuguese Attractiveness
Survey 2011

Índice

Editorial	1
I. Contexto global: competindo num mundo policêntrico	4
2010: as economias de crescimento rápido captaram mais de metade de IDE mundial	6
Redução da carga fiscal importante para a sustentação da retoma	8
II. Portugal: como retomar o crescimento?	12
2010: o impacto negativo da deterioração do rating	14
O investimento na infra-estrutura urbana	16
Sectores motores de crescimento	18

Editorial

Novembro de 2011: como recomeçar?

O efeito conjugado das tendências já conhecidas da globalização com os acontecimentos recentes das crises das dívidas soberanas e da debilidade dos Governos, faz do mundo de hoje uma realidade bem mais complexa do que era em 2005 quando efectuámos o primeiro Ernst & Young Portuguese Attractiveness Survey.

Desde então a Europa perdeu 38% (\$190,6 mil milhões) dos fluxos mundiais de investimento directo estrangeiro ("IDE"), a quota de mercado na captação de investimento caíu de 32% para 27% e a contribuição para o PIB caíu de 3,5% para 1,8%.

E Portugal? No mesmo período o IDE captado passou de \$3,9 mil milhões para \$1,4 mil milhões (queda de 63%), e a contribuição para o PIB caíu de 2,1% para 0,6%. No nosso caso as perspectivas de deterioração do rating de Portugal ao longo de 2010 conduziram ao cancelamento de decisões de investimento, e tornou muito vulnerável a permanência dos investidores já instalados.

A solução? Infelizmente não há muitas formas diferentes de resolver este problema. A Europa tem que deslocar da fase de estagnação em que se encontra de forma a conseguir concorrer com as economias de crescimento rápido na captação de investimento. Mas como nunca conseguirá crescer ao mesmo ritmo, tem que ser fiscalmente agressiva e não perder de vista os restantes factores de competitividade, se quiser garantir a sustentabilidade do modelo de produção de produtos e serviços de elevada qualidade, para além da contínua aposta na inovação e no empreendedorismo.

Que lições podemos retirar para Portugal?

Em primeiro lugar são os destinos que concorrem pelo investimento, não os países. E estes estão enraizados em malhas urbanas cada vez mais importantes. Temos que recuperar a importância da infra-estrutura urbana na fixação e criação de *hubs* de inovação. E desta forma integrar o património histórico e cultural das nossas cidades na

constituição de populações multiculturais. Em segundo lugar temos que concentrar as nossas energias nos sectores com capacidade de atracção de IDE a curto-prazo: turismo, geológico e tecnologias de informação.

Em terceiro e por último, temos que almejar atrair IDE sobre a forma de capital de risco internacional, e neste aspecto as redes informais entre empresas, universidades, institutos de investigação, fundos de *venture capital*, assumem especial relevância.



O triunfo das cidades

Edward Glaeser

*Professor de Economia - Universidade de Harvard
e Autor de "O triunfo das cidades"*

O valor das cidades reside na capacidade destas em potenciar um dos maiores activos da humanidade: conseguirmos aprender com as pessoas que nos rodeiam. As concentrações de talento urbano originam a criação de um pólo de saber que em muito fomenta o capital humano. Há muito que as áreas urbanas possibilitam a invenção colaborativa - desde a filosofia ateniense à música vienense, até à criação do arranha-céus - sendo esta responsável pelos maiores sucessos da nossa civilização. O impacto das mudanças tectónicas no mundo, tais como as novas tecnologias e a globalização, aumentou o retorno das novas ideias e da inovação - o que tornou as cidades mais valiosas que nunca. Muitas cidades europeias passaram por uma fase de desindustrialização sendo que a densidade urbana, da mesma forma que tornou possível o transporte de têxteis através de comboios, estimula hoje a troca de ideias.

O sucesso das cidades europeias depende da capacidade destas em atrair e formar pessoas inteligentes concedendo-lhes ao mesmo tempo a liberdade para inovar e serem empreendedores. Para que isso aconteça, têm de ser realizados

investimentos adequados na área da educação em detrimento da regulamentação em excesso, bem como tornar as cidades em locais mais agradáveis e acessíveis. Para as cidades europeias, a história é simultaneamente uma bênção e uma maldição. Por um lado, os lindos edifícios de Burgos a Barcelona ajudam a atrair talento móvel, por outro a necessidade de preservá-los torna praticamente impossível novas edificações, o que faz com que as cidades europeias se tornem inacessíveis.

O grande desafio das cidades europeias mais prósperas é o de oferecer mais espaço disponível nas zonas atractivas das metrópoles. A necessidade de maior altura é particularmente óbvia. A chave passa por encontrar o equilíbrio que preserva, por um lado, a beleza e o encanto do passado e, por outro, a criação de um número suficiente de novos apartamentos e espaços comerciais para que o futuro continue a ser decidido na Europa.



| Contexto global:
competindo num
mundo policêntrico

Contexto global: competindo num mundo policêntrico



O mundo tem um número crescente de esferas de influência. Pela primeira vez em 2010 as economias de crescimento rápido captaram mais de metade do investimento directo estrangeiro ("IDE") mundial.

Contexto mundial

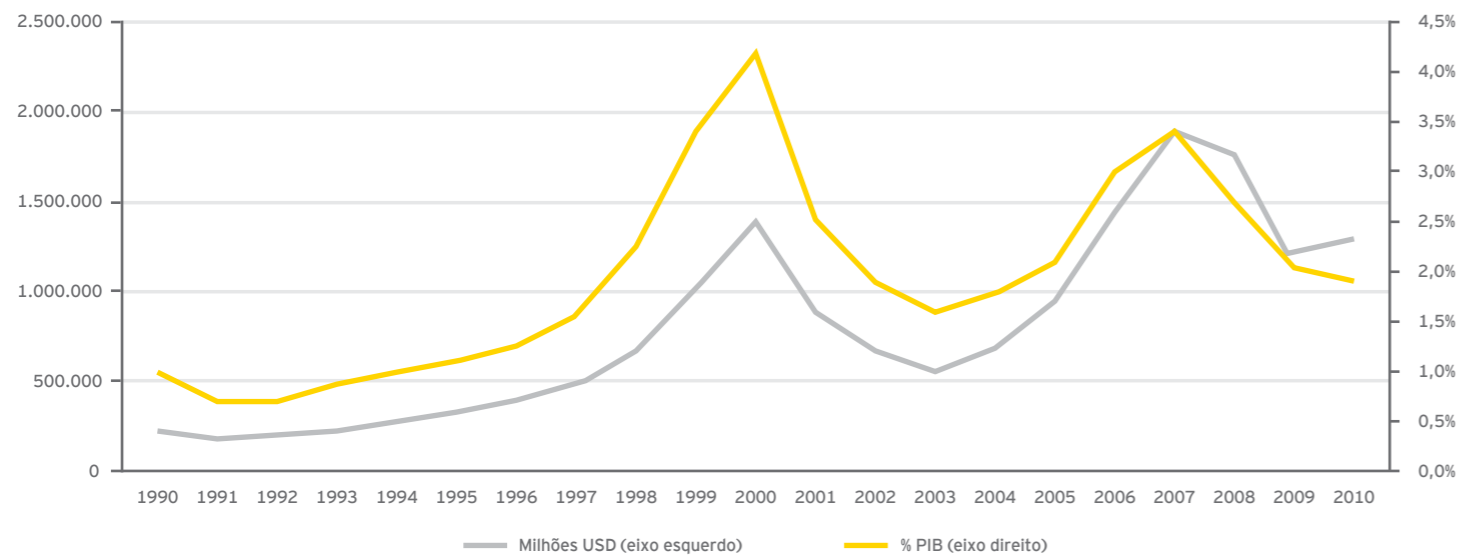
Em termos globais o IDE em 2010 teve um crescimento moderado de cerca de 5% (em termos nominais) ficando ainda 37% abaixo do nível máximo observado em 2007. A Conferência das Nações Unidas sobre o Comércio e Desenvolvimento

("UNCTAD") prevê que apenas em 2013 o IDE mundial consiga atingir os níveis pré crise. Em 2010 os fluxos de IDE representaram cerca de 2% do PIB mundial, ainda longe dos 3,5% de 2007.

A União Europeia captou menos 12% de IDE (\$347M em 2009 para \$305M em 2010) sendo de destacar o desempenho negativo de algumas economias como a Itália (-53%), o Reino Unido (-35%) e a França (0%). Na última década a Europa chegou a captar cerca de 43% do IDE mundial, em 2010 esse valor caiu para 26%.

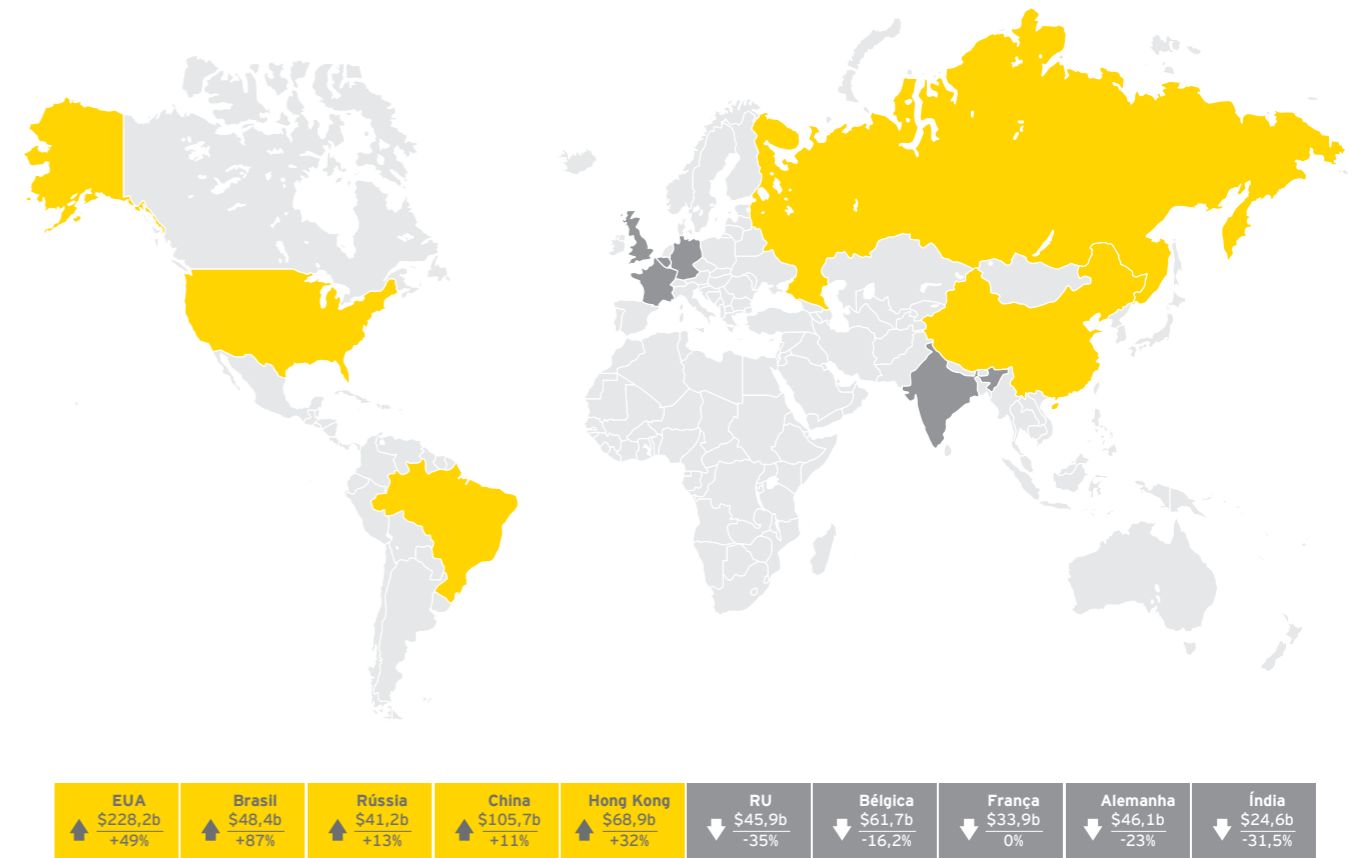
Esta evolução aproxima a quota de mercado da Europa na captação de investimento, à sua importância relativa no PIB mundial, e inaugura uma era em que tem de voltar a criar expectativas de prosperidade.

Evolução do IDE mundial, de 1990 a 2010, a preços e taxas de câmbio correntes
Fonte: UNCTAD



Os dez principais destinos de FDI em 2010

Valores em US dólares, Fonte: "Global Investment Trends" UNCTAD

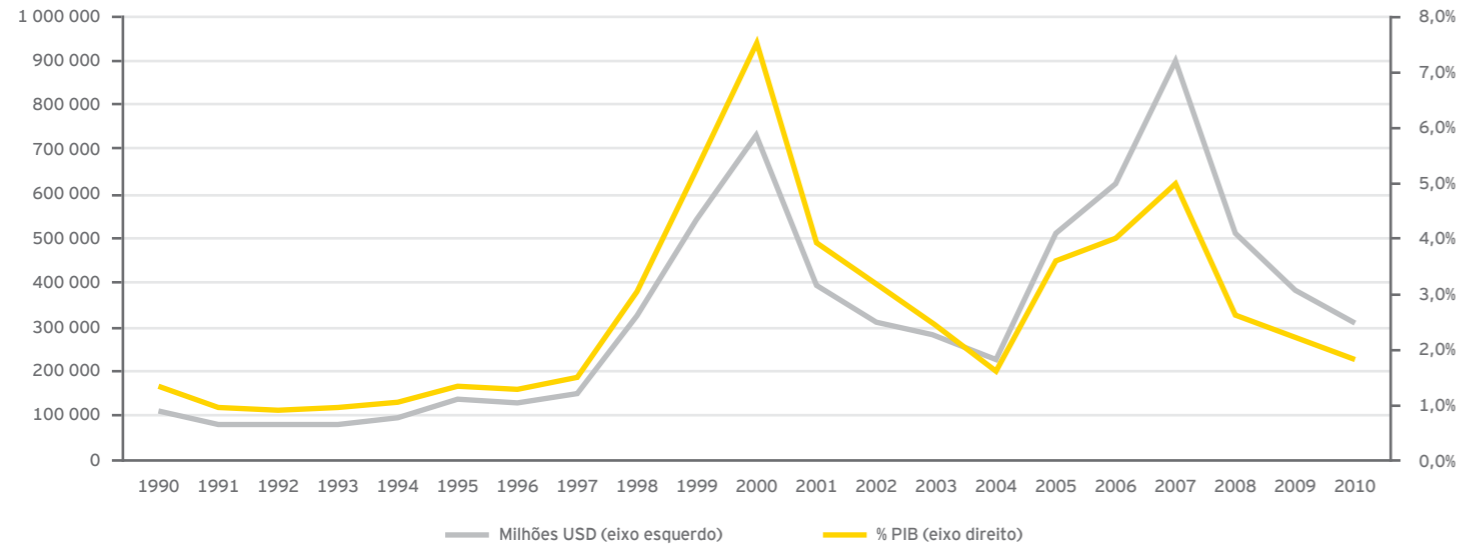


Contexto global: competindo num mundo policêntrico



Evolução do IDE na Europa, de 1990 a 2010, a preços e taxas de câmbio correntes e em % de PIB

Fonte: UNCTAD



Contexto europeu

No seu valor máximo quando medido em função do PIB (2000) o IDE representou 7,5% do PIB europeu, em 2010 não ultrapassou os 1,8%.

É neste mundo policêntrico, com esferas de influência divergentes que se vai jogar a atractividade da Europa. E quais são os trunfos disponíveis? A inovação e a economia do conhecimento são ingredientes chave para a aposta diferenciadora face a outros continentes.

Porém, não bastam. A Europa é reconhecida pela qualidade dos seus produtos e pela reputação das suas marcas. Doravante terá também que ser fiscalmente competitiva e encontrar formas de vender os seus produtos e serviços de alta qualidade a custos mais reduzidos.

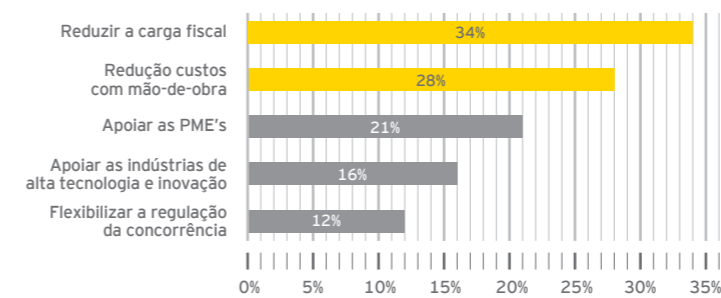
A fiscalidade pode ser um forte inibidor do investimento. Mas será que os investidores penalizam a diversidade

de regimes de tributação existentes na Europa? Não necessariamente, desde logo porque podem optar entre várias jurisdições.

Porém na condição de os níveis de tributação serem competitivos. Aqui destaca-se o facto da Irlanda ter mantido a sua taxa de IRC e o Reino Unido ter reduzido a sua de 28% para 26%, com o objectivo de alcançar os 23%.

De acordo com o Ernst & Young European Attractiveness Survey, a redução da carga fiscal e dos custos de trabalho são dois objectivos a não perder de vista para a sustentação da retoma económica.

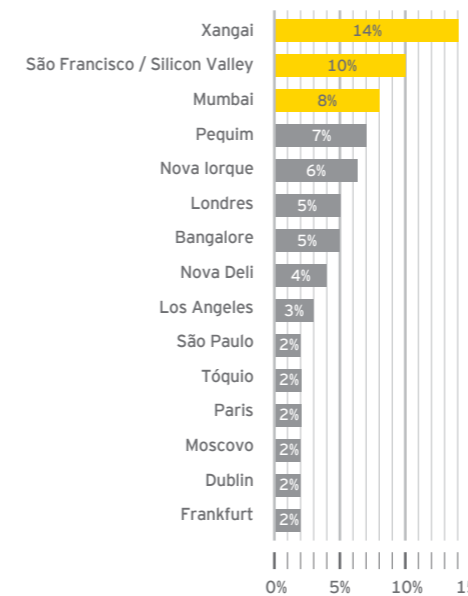
O que pode tornar a Europa mais competitiva?



Fonte: Ernst & Young European Attractiveness Survey 2011

Não basta apostar na competitividade preço para produtos e serviços de alta qualidade. É necessário alavancar o potencial das cidades como *hubs* de inovação. Actualmente são os destinos, mais do que países, que concorrem pela captação de investimento.

Quais as cidades onde poderá surgir a próxima Microsoft ou a Google?



Fonte: Ernst & Young European Attractiveness Survey 2011

A qualidade das infra-estruturas urbanas, e a capacidade de integrar os centros históricos em populações multiculturais, são factores que devem ser capitalizados para transformar as cidades em *hubs* de inovação e talento.

E neste aspecto a Europa está a perder terreno. Se considerarmos as 15 possíveis cidades onde poderá surgir a próxima Microsoft ou Google, a Europa apenas consegue colocar 5 nesse ranking.

A importância da fiscalidade e das instituições na captação de IDE¹

Tomás Oliveira da Silva e Paulo Júlio

Técnicos do Gabinete de Estratégia e Estudos do Ministério da Economia e do Emprego

São vários os determinantes do IDE apontados na literatura económica. Em geral, estes podem ser classificados em 4 categorias distintas: geográficos, económicos, institucionais e fiscais. Os fatores geográficos são impossíveis de modificar, enquanto os fatores económicos, como o PIB, o crescimento económico ou os custos do trabalho, apenas podem ser influenciados no longoprazo, estando a sua evolução dependente de políticas económicas e de reformas estruturais que promovam a eficiência, a competitividade, e a qualidade institucional. Por outro lado, os fatores institucionais e fiscais podem ser objeto de ação direta por parte dos agentes políticos, através da implementação de ações reformadoras que visem melhorar, por exemplo, a competitividade fiscal, o ambiente de negócios ou a flexibilidade do mercado de trabalho.

Com o objetivo de aferir o impacto potencial no IDE associado a uma reforma institucional em Portugal e a um aumento da competitividade fiscal, foram realizados 2 estudos independentes².

O primeiro estudo procura identificar as áreas institucionais em que Portugal apresenta pior performance, e aferir aquelas onde a convergência para o nível da UE apresentaria efeitos mais significativos sobre o IDE. São utilizadas 3 bases de dados nesta análise - Index of Economic Freedom, International Country Risk Guide e Doing Business. Este estudo mostra que o nosso país tem ainda um caminho a percorrer no que respeita à reforma das suas instituições. A título exemplificativo, a convergência de Portugal para a média da UE15 de um conjunto de indicadores institucionais mais relevantes para as empresas implica um aumento no IDE em cerca 60%. Entre as áreas cuja reforma apresenta um maior impacto destaca-se a flexibilidade do mercado de trabalho, o funcionamento do sistema financeiro e a corrupção.

O segundo foca-se no impacto que os impostos sobre as empresas têm nas decisões de localização de IDE na Europa. Neste estudo foi utilizada a base de dados European Investment Monitor da Ernst & Young. Os resultados indicam que, por cada ponto percentual (p.p.)

de redução na taxa de imposto (*Effective Average Tax Rate*), a probabilidade de Portugal atrair um projeto de IDE aumenta aproximadamente 3,1%. Este impacto pode ser entendido mais facilmente quando comparado com outros determinantes do IDE. Assim, a redução de 1 p.p. na taxa de imposto é equivalente a uma redução nos custos do trabalho anuais em cerca de 1.000 euros (equivalente a uma redução de 5,6%), ou a um aumento do crescimento económico em 0,2 p.p.. Os projetos no setor industrial são os mais fomentados pela redução da taxa de imposto.

¹ As opiniões expressas neste artigo são da exclusiva responsabilidade dos autores e não correspondem necessariamente à opinião do Ministério da Economia e do Emprego.

² "FDI and institutional reform in Portugal", Paulo Júlio, Ricardo Pinheiro Alves e José Tavares; e "Corporate taxes and the location of FDI in Europe", Tomás Oliveira da Silva e Sérgio Lagoa.





II

Portugal:
Como retomar
o crescimento?

Portugal: Como retomar o crescimento?

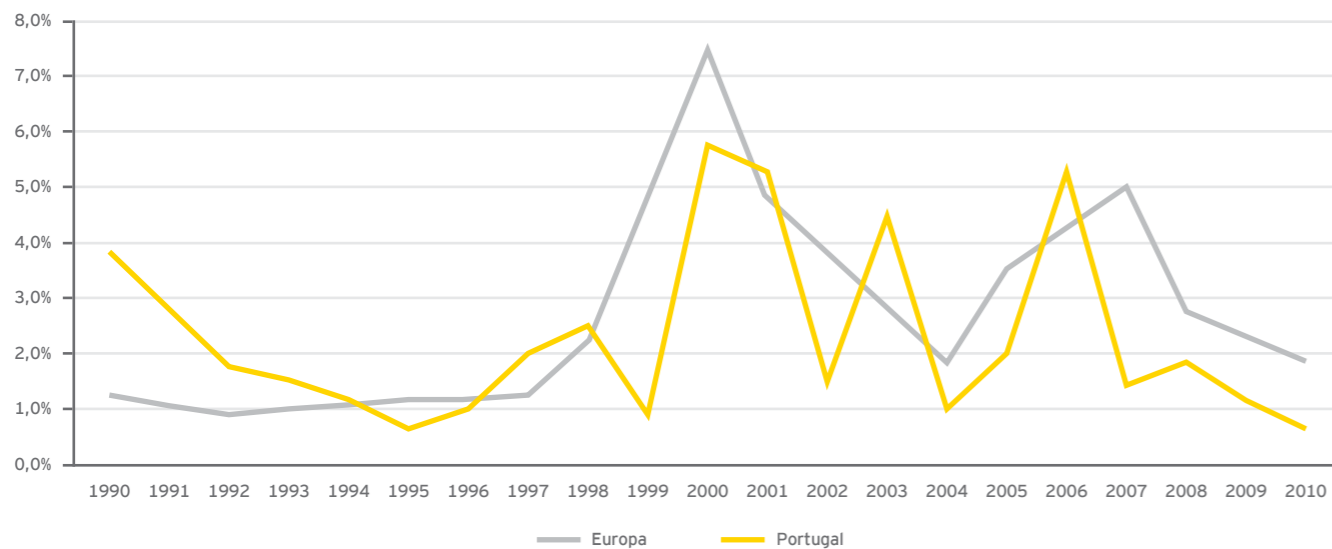
2010 o impacto negativo da deterioração do rating

O IDE líquido captado por Portugal em 2010 (entradas menos saídas) não ultrapassou os € 1,1 mil milhões, representando uma queda de 46% face a 2009 e o valor mais modesto desde

2004, ficando abaixo do 1% do PIB. Desde 2006 que a contribuição média do IDE para o PIB na Europa é superior à de Portugal em cerca de 1,7%.

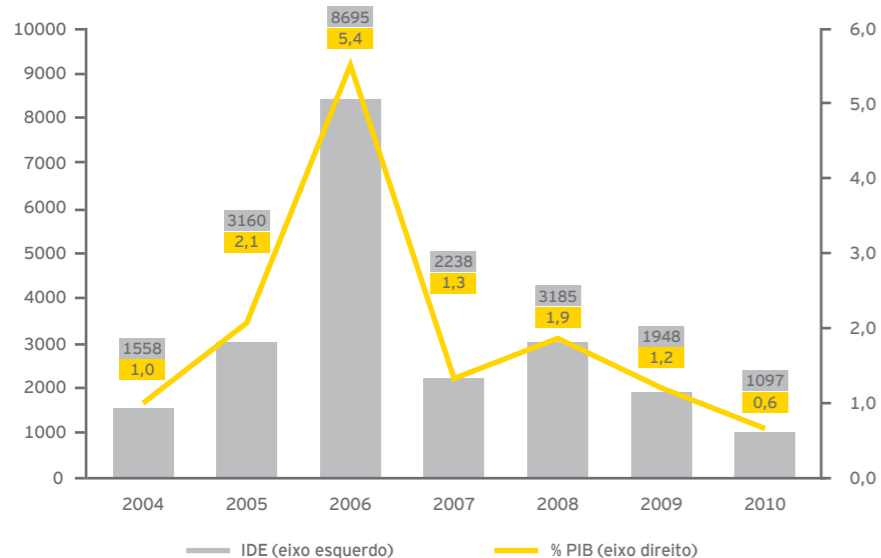
% do IDE no PIB na Europa e em Portugal entre 1990 e 2010

Fonte: UNCTAD



IDE líquido em Portugal (€ milhões)

Fonte: Banco de Portugal



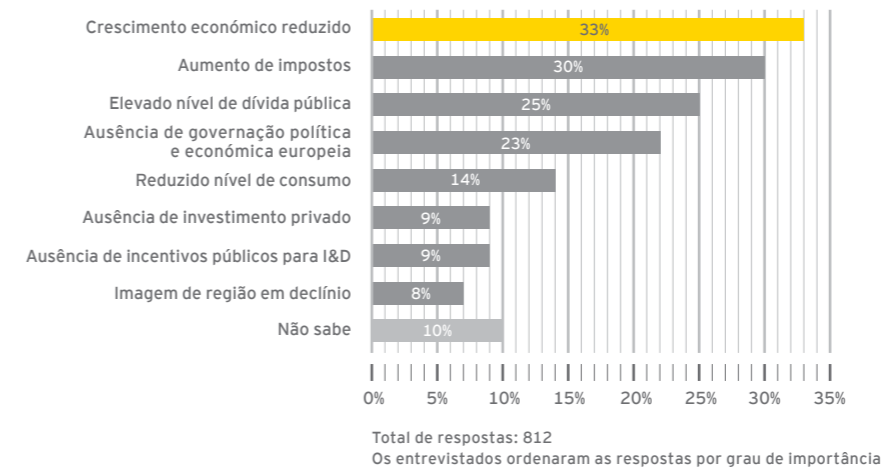
Esta evolução deveu-se sobretudo ao desinvestimento ocorrido nos sectores da construção e indústria transformadora.

Quais os motivos que explicam este desempenho?

Há três inibidores de atractividade que em Portugal assumem especial relevância. São eles a ausência de crescimento económico, o aumento de impostos e os níveis elevados de dívida pública.

Quais são as principais ameaças à captação de IDE?

Fonte: Ernst & Young European Attractiveness Survey

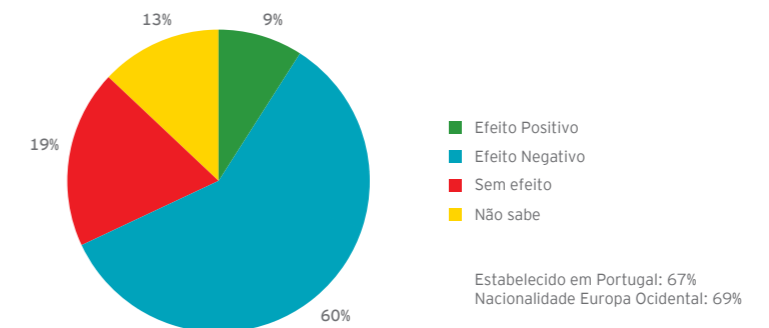


Estas respostas apontam para a evidência de que os países europeus que se deparam com estes problemas não apresentam um contexto favorável à captação de investimento. Este facto aliado à complexidade política da Europa, torna ainda mais difícil a aceitação de impostos elevados, mesmo tendo em conta a eventual imagem de qualidade dos produtos.

Em Portugal estes efeitos negativos foram amplificados pela deterioração do rating da República que abortou muitos investimentos, sobretudo a nível de operações de Fusões & Aquisições.

De acordo com o survey da Ernst & Young uma larga maioria dos investidores considera que as sucessivas revisões em baixa do rating de Portugal, penalizou a atractividade da economia na captação de investimento.

Qual o efeito que a deterioração do rating de Portugal teve na atractividade do País?



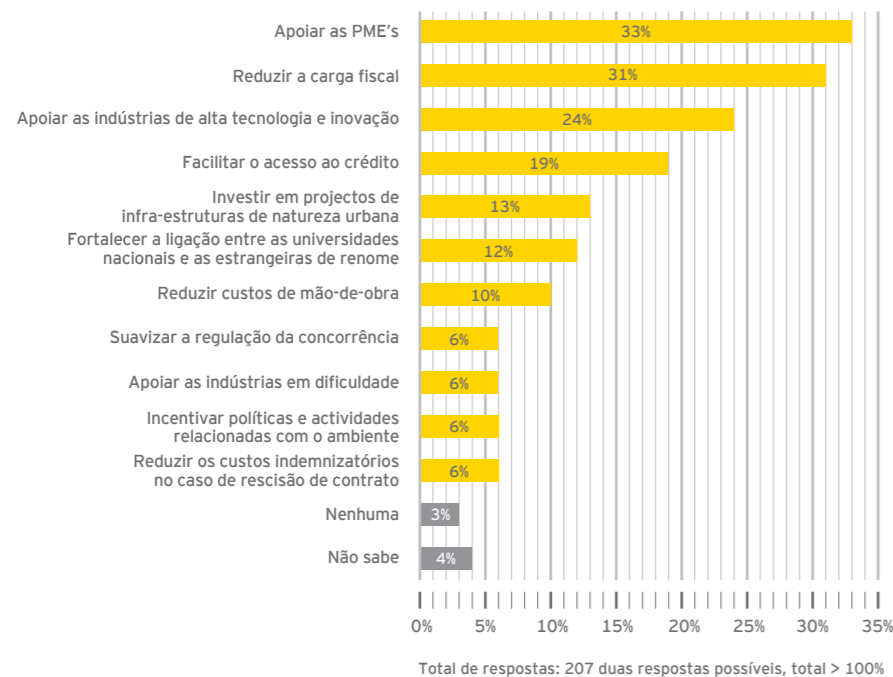
Portugal: Como retomar o crescimento?



O investimento na infra-estrutura urbana

Como estimular o crescimento em Portugal nos próximos dois anos?

Fonte: Ernst & Young Portuguese Attractiveness Survey 2011



Portugal tem cerca de 350.000 PME's, se cada uma conseguir criar pelo menos 1 novo posto de trabalho, no final teremos mais 350.000 postos de trabalho gerados. Considerando que existem em Portugal cerca de 1.200 empresas de grande dimensão, para conseguirmos o mesmo resultado seria necessário que cada uma criasse 292 novos postos de trabalho. Esta conclusão ilustra bem a importância que devemos dar às PME's.

Por outro lado, o nível de tributação é relevante quando a competição também se faz pela via do preço.

Finalmente entre os cinco primeiros factores necessários para retomar o crescimento surge a recomendação de investimento em infra-estruturas e projectos urbanos.

Até que ponto a agenda de medidas estruturais preconizada pelo programa de Assistência Financeira a Portugal endereça estas questões?

As principais medidas de reforma estrutural contempladas no programa de assistência financeira são as seguintes:

- ▶ Reforma da legislação laboral com a diminuição dos custos de indemnização e revisão das regras de atribuição do subsídio de desemprego.
- ▶ Aumento da competitividade através do aumento em meia hora diária do horário de trabalho.

▶ Criação de condições competitivas fomentando a concorrência no sector dos bens não transaccionáveis e reforçando a presença do Estado enquanto regulador ao invés de empresário. O fim já concretizado das *golden share* ocorrido em 5 de Julho de 2011 insere-se no contexto destas medidas.

▶ Ainda no contexto de eliminação dos lucros excessivos e das rendas protegidas, inserem-se as intenções de revisão dos apoios à cogeração e energias renováveis, à facilitação de entrada de novos concorrentes nas telecomunicações, e as alterações das leis da concorrência e das rendas.

▶ Por último vem a intenção de reforma do sistema judicial.

Estas medidas estão em consonância com as respostas apuradas pelo survey da Ernst & Young, conforme se constata no quadro seguinte.

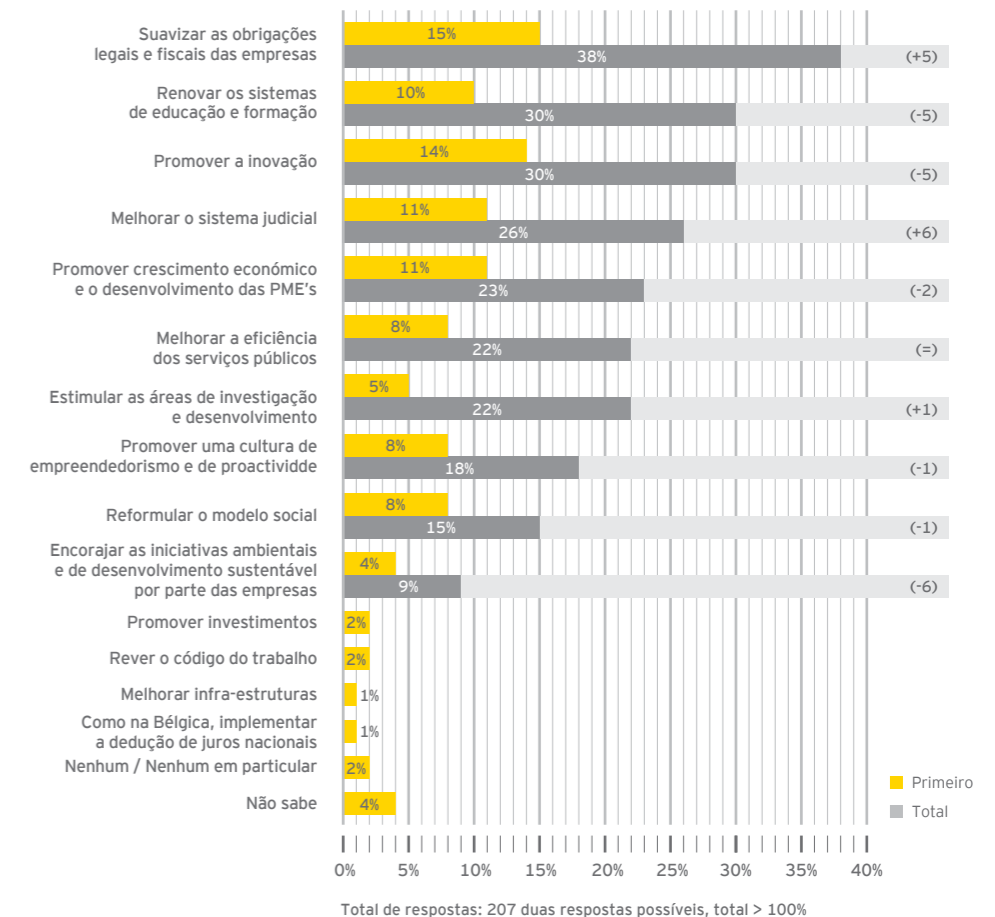
A suavização das obrigações fiscais é uma prioridade para Portugal e para a Europa de uma forma geral.

Por outro lado, em épocas de cortes substanciais na despesa pública, é preciso não perder de vista o investimento qualitativo na educação como factor estratégico para o enriquecimento do stock de capital humano indispensável à sustentação do modelo de desenvolvimento europeu.

As respostas atribuem mais importância à reforma de sistema judicial do que à revisão das leis laborais.

Quais as medidas prioritárias para melhorar a atractividade de Portugal?

Fonte: Ernst & Young Portuguese Attractiveness survey 2011



Portugal: Como retomar o crescimento?

Quais os sectores que poderão ser o motor do crescimento nos próximos três anos?

Em 2010 destacam-se dois investimentos associados ao potencial turístico de Portugal, designadamente os da Easy Jet e da Ryanair. Este sector é encarado como o melhor candidato à atracção de investimento.

O sector automóvel continua a gerar projectos de investimento, se bem que apenas com a contribuição de fabricantes já instalados em Portugal e com valores relativamente modestos.

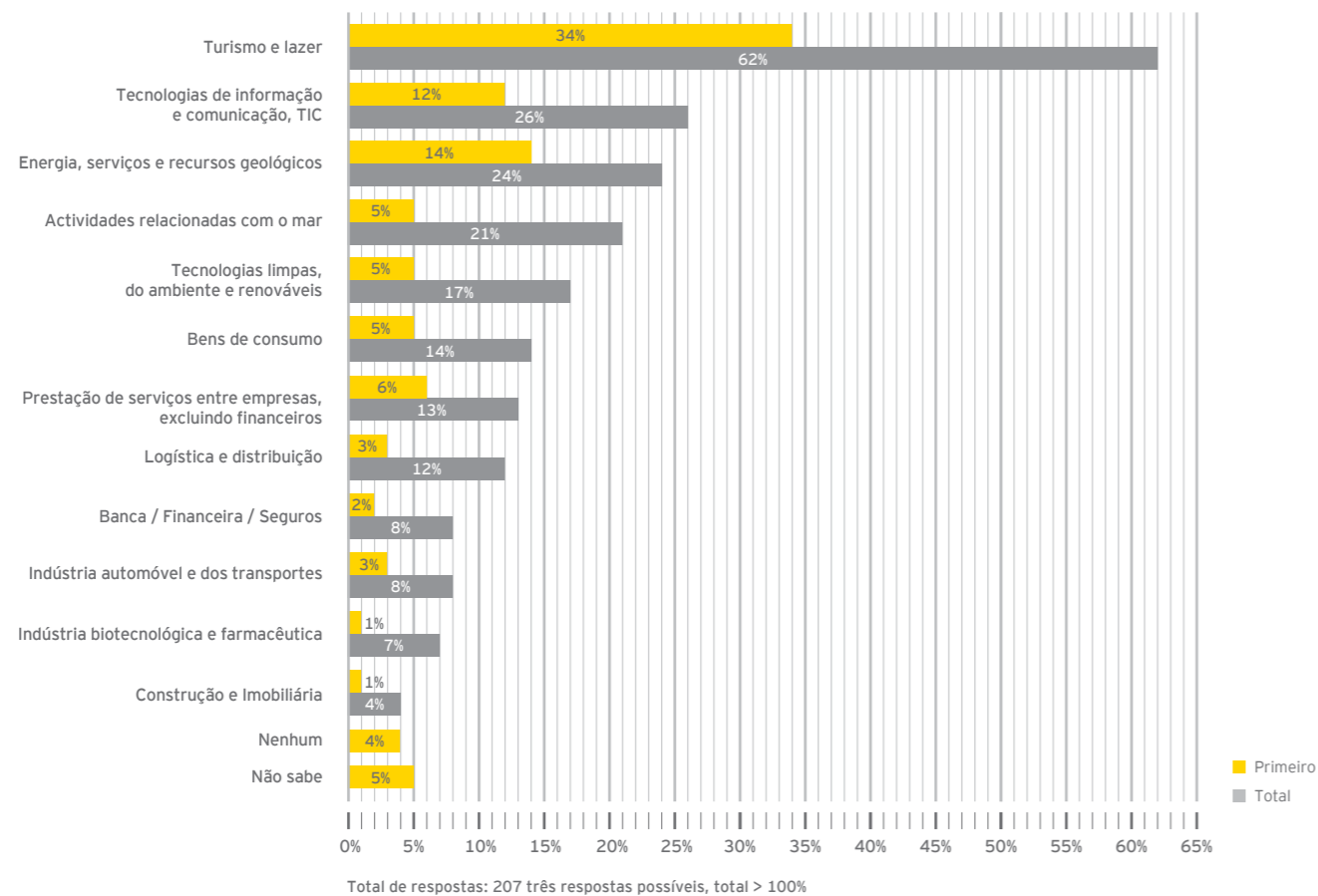
O sector dos recursos geológicos, considerado estratégico pela Comissão Europeia devido ao previsível aumento da procura de metais, é indicado

como sendo de atractividade elevada em Portugal.

O cluster da aeronáutica, um dos mais importantes de Portugal, atraiu investimento qualificado nos serviços de consultoria e engenharia. O quadro seguinte aponta para os sectores que a médio prazo poderão captar mais investimento.

Quais os sectores que poderão contribuir para o crescimento de Portugal nos próximos três anos?

Fonte: Ernst & Young Portuguese Attractiveness survey 2011



Bill Hodson,
General Manager,
AgustaWestland
Portugal

"Estamos bastante satisfeitos com o padrão de qualidade dos engenheiros recém-licenciados nas universidades nacionais e com esperança de que a capacidade técnica das indústrias ligadas à engenharia aeroespacial continue a desenvolver-se com base no talento dos jovens formados actualmente.

Temos a expectativa de que os engenheiros portugueses encontrem trabalho fora de Portugal relacionado com a engenharia aeroespacial e outras, e que esse talento regresse no futuro para continuar a desenvolver a capacidade aeroespacial doméstica."



Ajudar Portugal a crescer

Miguel Guerreiro

Chief Financial Officer, Siemens Portugal

Com mais de 105 anos de presença em território nacional, cerca de 1.500 colaboradores e um portefólio de referências de negócio que integra alguns dos projectos e obras mais estruturantes para o país, a Siemens tem sido uma das empresas a operar no mercado nacional mais activas na captação de centros de competência e de serviços partilhados.

A base deste sucesso reside no reconhecimento por parte da casa-mãe da qualidade, capacidade e *Know-How* dos nossos colaboradores. Graças às suas valências, foi possível criar unidades altamente produtivas e eficientes, designadamente pela sua capacidade de estabelecer e fazer cumprir processos assentes na automatização, agilização e melhoria contínua, com poupanças evidentes.

Actualmente, a Siemens Portugal gere Centros de Competência para as áreas da energia, serviços aeroportuários, serviços financeiros e de recursos humanos, que exemplificam a vitalidade da estratégia da empresa e geraram cerca de 500 postos de trabalho qualificados nos últimos dois anos.

De modo a enquadrar o impacto destas unidades na estrutura da empresa, basta recuperar o percurso do *Global Shared Services Accounting & Finance*.

Este Centro de Serviços Partilhados arrancou em 2005 com cerca de 30 colaboradores, que prestavam serviços de suporte apenas para a Siemens Portugal com o objectivo de libertar as áreas de negócio (Energia, Saúde, Indústria e Infra estruturas & Cidades) das funções não core dos seus negócios. Os bons resultados então registados levaram a que empresa expandisse as actividades deste centro, o que permitiu à equipa assumir-se junto da casa-mãe como uma aposta ganha ao nível da prestação de serviços.

Em 2009 foi criado o *Global Shared Services - Human Resources*, um centro de competências que tem a seu cargo tarefas de gestão de recursos humanos, e em 2010 foram iniciadas as actividades do centro de competência financeira de *Governance & Control*. Mais recentemente, já em 2011, a Siemens Portugal foi a filial escolhida para acolher a instalação de um *Global Shared Services* na área de *Supply Chain Management*, que deverá começar a operar em 2012.

Seis anos depois da entrada em funcionamento do *Global Shared Services Accounting & Finance* em Portugal, estes centros de competências prestam serviços a 18 países com especial enfoque em nove nações europeias (Portugal, Espanha, Itália, França, Luxemburgo, Bélgica, Suíça, Grécia e Alemanha). Os quatro centros de competência já em funcionamento já geraram mais de 150 milhões de euros para a actividade da empresa.

No entanto, no actual ambiente económico, marcado pela extrema volatilidade e competição, é notório que o futuro destes centros passa sempre pelo reforço das soluções e serviços que disponibilizam aos seus clientes nas suas área de influência, contribuindo para a criação de valor para a empresa, clientes e parceiros. Essa será a via que a Siemens Portugal seguirá, contribuindo assim para a economia nacional através do aumento do volume de emprego e da actividade exportadora da empresa.

Ernst & Young

Assurance | Tax | Transactions | Advisory

About Ernst & Young

Ernst & Young is a global leader in assurance, tax, transaction and advisory services. Worldwide, our 152,000 people are united by our shared values and an unwavering commitment to quality. We make a difference by helping our people, our clients and our wider communities achieve their potential.

Ernst & Young refers to the global organization of member firms of Ernst & Young Global Limited, each of which is a separate legal entity. Ernst & Young Global Limited, a UK company limited by guarantee, does not provide services to clients.

For more information, please visit www.ey.com.

© 2011 Ernst & Young Portugal
All Rights Reserved.

This publication contains information in summary form and is therefore intended for general guidance only. It is not intended to be a substitute for detailed research or the exercise of professional judgment. Neither EYGM Limited nor any other member of the global Ernst & Young organization can accept any responsibility for loss occasioned to any person acting or refraining from action as a result of any material in this publication. On any specific matter, reference should be made to the appropriate advisor.